

EIS AÍ O ANTIBOLSONARO

LULA RECEBE OS CUMPRIMENTOS DOS PRESIDENTES DE ARGENTINA, BOLÍVIA E CUBA E ATÉ DE BERNIE SANDERS E JEAN-LUC MÉLENCHON

por ANDRÉ BARROCAL

O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC foi de onde Lula saiu para a política no fim dos anos 1970, depois para o cárcere em abril de 2018 e, agora, para liderar a oposição a Jair Bolsonaro. No pronunciamento-entrevista de duas horas e meia feito lá na quarta-feira 10, disse ter motivos para mágoas, “vítima da maior mentira jurídica contada em 500 anos de história (*nacional*)”, mas que o importante hoje é o sofrimento do brasileiro. Que sofre com um presidente “fanfarrão” que “nunca fez nada na vida”. Com o preço da comida, cerveja, gasolina. Com a falta de emprego, salário, governo e vacinas. Com o excesso de mortos por Covid, armas nas canetadas presidenciais, privatizações na boca do ministro da Economia, Paulo Guedes, e mentiras na do ex-capitão.

O papel de líder opositor era o que se

esperava desde a sua libertação, em novembro de 2019. O ex-presidente só se sentiu à vontade para encarná-lo agora, diante da surpreendente decisão do juiz Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, de anular duas condenações e dois processos contra o petista paridos pela Operação Lava Jato em Curitiba. Decisão destinada primeiro a tentar salvar Sergio Moro e a Lava Jato. Lula, conta um amigo antigo,

“GOSTARIA QUE LULA CONCORRESSE. PRECISAMOS DE UMA LIÇÃO DE DEMOCRACIA PARA A PRÓXIMA ELEIÇÃO”, DIZ TASSO JEREISSATI

“está doido” para ser candidato, ambição permitida pelo despacho de Fachin de 8 de março. E ele será? É algo para se ver “bem pra frente”, “vamos ter que esperar o momento de escolher quem vai ser”, comentou o próprio ex-presidente, no sindicato.

“Gostaria até que o Lula concorresse. No momento que nós vivemos, precisamos de uma grande lição de democracia na próxima eleição”, disse o senador tucano Tasso Jereissati, do Ceará, ao *El País*. Presume-se que o presidente da Argentina, Alberto Fernández, concorde. Foi a primeira personalidade a telefonar para Lula e felicitá-lo. Manifestações positivas partidas também dos presidentes da Bolívia, Evo Morales, e de Cuba, Miguel Díaz-Canel, e dos ex-presidenciais Bernie Sanders, senador nos Estados Unidos, e Jean-Luc Mélenchon, do movimento França Insubmissa. Quarteto ilustrativo da repercussão internacional do caso.

Lula viajará pelo País daqui em diante,

TSE E MIGUEL SCHINCARIOL/AFP



**Em relação às decisões mais importantes
Lula pretende esperar, enquanto
Fachin se esforça para salvar Moro**



algo que tem sido feito pelo “bloco na rua” de Fernando Haddad, um dos presentes ao sindicato. Guilherme Boulos, do PSOL, estava lá também, como estivera nos dois dias de resistência de Lula antes do cárcere, em abril de 2018. “A unidade da esquerda é necessária contra Bolsonaro. Agora, na luta para salvar vidas e combater a fome. Em 2022, para reconstruir o Brasil”, *tuitou* o pessolista durante o discurso lulista.

Flávio Dino, governador do Maranhão pelo PCdoB, é um nome na cabeça do ex-presidente como outro plano B, além de Haddad, conta o amigo antigo. O petista acha-o capaz de atrair parte da classe média e do empresariado. “O ex-presidente Lula falou de sonhos do futuro, legitimados pelas vitórias do passado. Delineou os principais eixos de um novo projeto nacional: combate à desigualdade; política externa independente; investimentos”, *tuitou* Dino, sobre o discurso. Neste, o petista teorizou que a “frente ampla” é mais do que o campo progressista. Haddad e Gleisi Hoffmann, a presidente do PT, foram recentemente ao prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, do PSD



Primeira reação ao discurso de Lula: a máscara

de Gilberto Kassab. O PL é do “Centrão” bolsonarizado, mas seu chefe, Valdemar da Costa Neto, se dá bem com Lula. Foi via PL que o falecido José Alencar entrou na chapa lulista de 2003.

No PSB, seu presidente, Carlos Siqueira, não quer saber de Lula, mas o pessebista governador de Pernambuco, Paulo Câmara, *tuitou*: “A reconquista dos direitos políticos pelo Presidente Lula é uma vitória importante do campo progressista que fará diferença no fortalecimento da democracia e no futuro do Brasil”. E Ciro Gomes, do PDT? Para Ciro, o “lulopetismo”, expressão pejorativa sobre o PT, é coisa do passado e Lula, “parte do problema”, conforme declarou à CBN um dia após a decisão de Fachin.

O juiz decretou que não eram da alçada de Moro, na 13ª Vara Federal de Curitiba, e da Lava Jato curitibana quatro processos

contra Lula, incluídos aqueles dois cujas condenações proibiram o petista de disputar eleição, o do triplex do Guarujá e o do sítio de Atibaia. E anulou todas as decisões sobre os quatro. Os casos vão correr na Justiça Federal de Brasília, para onde o Supremo já mandara outros processos lavajatistas contra agentes políticos. Bondade com Lula do STF e de Fachin? Negativo. O juiz escreveu que “tão importante quanto ser imparcial é ser apartidário”, mas desde 2017 ele cuida dos casos da Lava Jato e jamais tomara tal providência. A brecha jurídica usada por ele agora havia sido aberta em 2015, no STF.

Fachin foi “cínico”, afirma Eugênio Aragão, ex-ministro da Justiça. Lula, comenta ele, teve “580 dias de cadeia, foi impedido de se candidatar (*em 2018*), de ir aos velórios de seu irmão (*Vavá, em janeiro de 2019*), de seu neto (*Arthur, em abril de 2019*) e do amigo Sigmaringa (*Seixas, ex-deputado federal, morto em dezembro de 2018*) e só agora o Fachin diz que Moro é incompetente?”. E completa:

“A verdadeira razão da decisão só agora foi de salvar a cara do Moro. Entregaram-se os anéis para não perder os dedos”. Bem que Deltan Dallagnol, o ex-chefe da força-tarefa curitibana, escrevera em 13 de julho de 2015 a seguinte mensagem de celular a uns colegas: “Caros, conversei 45 m (*minutos*) com o Fachin. Aha uhu o Fachin é nosso”.

Um dia após a decisão do juiz, a 2ª Turma do Supremo julgaria um pedido da defesa lulista para que Moro fosse declarado parcial no caso do triplex do Guarujá. Se o ex-juiz perdesse, o processo teria de recomeçar do zero. Não só a sentença morista seria cancelada, mas toda a denúncia da força-tarefa. Outros alvos da Lava Jato poderiam tentar no STF decisão igual contra Moro, e foi isso que Fachin buscava evitar. De quebra, ao anular os processos de Lula por razões de jurisdição, Fachin preservou a denúncia do Ministério Público Federal. Caberá

EVARISTO SÁ/AFPE MATEUS BONOMI/AGF/AFP



ao futuro juiz dos casos decidir usá-la. Em tese, Lula pode de novo ser condenado e impedido de candidatar-se. É difícil, porém, que isso aconteça até a eleição. Mais: como chiou Dallagnol, talvez prescrevam fatos imputados ao petista.

A manobra de Fachin fracassou. Ele perdeu por 4 a 1 a tentativa de impedir a 2ª Turma de julgar a parcialidade de Moro, embora tenha apelado ao presidente do STF, o lavajatista Luiz Fux. Mais de 400 personalidades haviam enviado carta à Corte a cobrar o julgamento, como os cantores Chico Buarque, Emicida, Otto e Zeca Pagodinho, o *youtuber* Felipe Neto e até uns tucanos, Aécio Neves e Arthur Virgílio. E o julgamento ocorreu. Gilmar Mendes e Ricardo Lewandowski foram impiedosos com Moro e a Lava Jato. Citaram as conversas secretas da patota reveladas na Vaza Jato, provas de que juiz e acusação eram um time. Ambos apontaram um fato singelo a resumir a parcialidade morista. Este aceitou ser ministro do candidato que só se elegeu em 2018 porque ele, Moro, havia tirado o principal rival do páreo. Para Mendes, Moro deve, inclusive, ser obrigado a pagar do bolso as custas processuais dos casos de Lula.

Foi a aceitação por Moro do cargo de ministro da Justiça, em 1º de novembro de 2018, que levou os advogados de Lula a entrarem quatro dias depois no STF com a acusação de parcialidade. O exame do tema na 2ª Turma começou em dezembro de 2018, com os votos pró-Moro de Fachin e Cármen Lúcia. Agora está 2 a 2. O desfecho foi adiado a pedido de Kassio Nunes Marques, que quer estudar o caso com calma. Marques foi indicado por Bolsonaro, em 2020. Comandada por outro escolhido do presidente, Augusto Aras, a Procuradoria-Geral da República anunciou que recorrerá ao plenário do Supremo contra a anulação dos processos de Lula. Até a conclusão desta reportagem, na quinta-feira 11, não tinha recorrido.

Bolsonaro comentou que ainda é preciso esperar pela decisão plenária. A entrada de Lula em cena teve, parece, efeito

ANTES DA DECISÃO DE FACHIN, BOLSONARO ACUSOU O MINISTRO: “TEM FORTE LIGAÇÃO COM O PT”

imediatamente. Logo após o discurso do petista no sindicato, o presidente participou com máscara anti-Covid de uma cerimônia no Palácio do Planalto. Não usava uma há tempos e até propagandeava supostos “efeitos colaterais das máscaras”. O filho Flávio, o da mansão de 6 milhões, agora dissemina nas redes sociais que “nossa arma é a vacina”. Dúvida: quando a juíza Rosa Weber, do Supremo, decidirá sobre a liminar pedida em várias ações contra o pacote armamentista baixado por Bolsonaro na véspera do Carnaval? O pacote entra em vigor em 13 de abril.

Depois da cerimônia, Bolsonaro declarou que a atuação do PT “é baseada em criticar, mentir e desinformar”, que Lula fez um governo corrupto e que com



Aragão: “Fachin é um cínico”

o petista no poder “seria roubado no mínimo 90%” do dinheiro utilizado na pandemia. No dia da anulação das condenações do ex-presidente, havia dito que Fachin sempre tivera “forte ligação com o PT”, que era um “descrédito para a Justiça”, que agora parece que “não houve roubo em várias estatais” e que acreditava que “o povo brasileiro” não quer um “candidato como esse (Lula) em 2022”. Até aí, tudo previsível. Mas, que dizer de uma aparente reviravolta em seu destino partidário?

No dia antes ainda da decisão de Fachin, o ex-capitão contara estar “namorando outro partido”, do qual seria “dono”, para disputar a reeleição. Estava na mira, veja só, o Partido da Mulher Brasileira, PMB. Seria ideal para Bolsonaro. Bastaria mudar o nome para Partido da *Milícia* Brasileira. Ao PMB pertencem as filhas de dois irmãos milicianos do Rio, chefes da Liga da Justiça. Jéssica é filha de Natalino Guimarães e Carminha, de Jerominho Guimarães. Natalino e Jerominho foram soltos em 2018, após quase dez anos presos por assassinato. Em 2020, Jéssica concorreu a vice-prefeita do Rio na chapa de Suéd Haidar, que é a presidente do PMB. Ambas foram alvo da Polícia Federal na eleição, suspeitas de receber grana miliciária para a campanha. No mês passado, Carminha foi visitada por meganhas, acusada de receptor carga roubada.

Após Bolsonaro relatar que queria um partido para ser “dono”, veio a notícia sobre Lula. Naquela noite, abriu o Palácio da Alvorada a gente do PSL, seu ex-partido, para sondar um possível retorno. Compreensível: o PSL terá o maior fundo eleitoral em 2022, além de hoje abrigar muitos parlamentares e três governadores. Time bem mais robusto do que um PMB da vida. O chefe pesselista, Luciano Bivar, disse, porém, que “as conversas paralelas entre parlamentares do PSL sobre a refiliação do presidente” é “algo

CAPA

Na Bolsa, o mercado percebe que o sentimento de mudança está posto, diz o cientista político Felipe Nunes

que leva um tempo de maturação” e que talvez Bolsonaro não “tenha tempo para esperar a decisão”. Uma forma de desencorajar a ideia. Recorde-se: Bivar e o presidente romperam, quando o ex-capitão abandonou o PSL, em 2019.

As reações de Bolsonaro (máscaras, partido) sugerem que, se ele queria alguém do PT com quem rivalizar na próxima campanha, não queria Lula. Compreensível. Uma pesquisa feita de 19 a 23 de fevereiro pelo antigo Ibope, rebatizado de Inteligência Pesquisa e Consultoria, o Ipec, mostra-o atrás de Lula em potencial de votos: 38% admitem votar nele e 50%, no petista. A rejeição a Lula é menor: 44% a 56%. Se bem que um levantamento feito nos últimos dias por encomenda da CNN pela Ideia Big Data aponta Bolsonaro com 31% e Lula com 21%, se a eleição fosse hoje. E



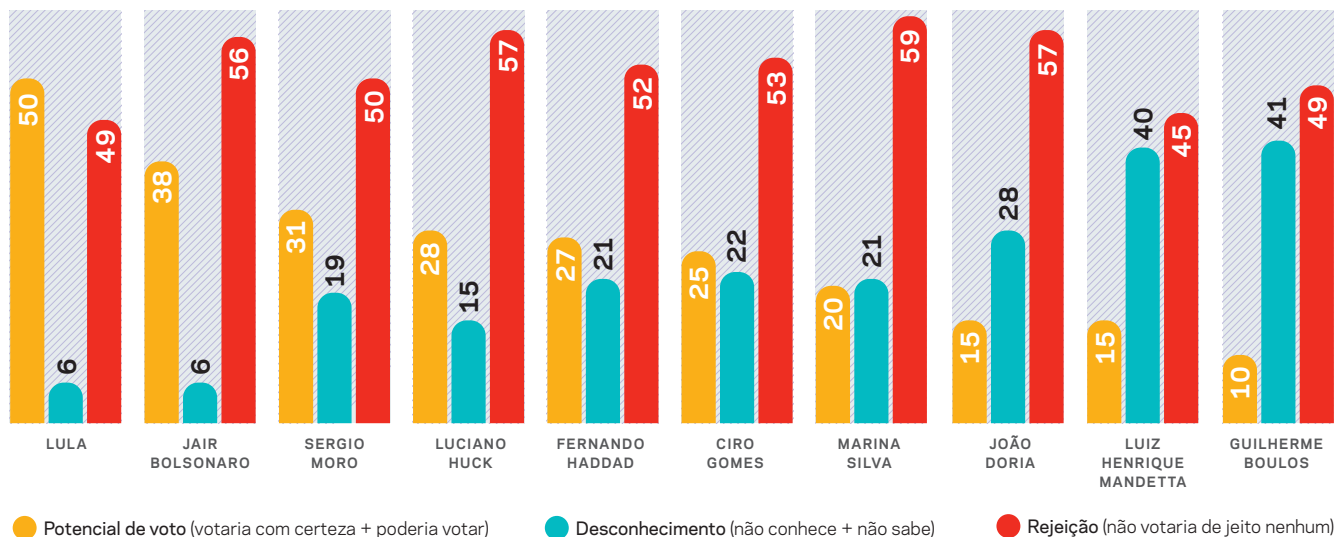
uma vitória do primeiro sobre o segundo no turno final por 43% a 39%.

Há outra pesquisa desanimadora para o presidente. A Quaest, firma especializada nas redes sociais, vê Bolsonaro como inventor das campanhas políticas via *web* no Brasil e líder absoluto nesse terreno. Nesse início de ano, a coisa mudou. O Índice de Popularidade Digital, um medidor criado

pela empresa, do presidente era de 85% em 2019 e de 80% em 2020. Em 2021, caiu a 62%. Lula oscilava pelos 45% e foi a 55%. “O fator econômico contribuiu para que Lula obtivesse um crescimento em sua popularidade digital. A comparação de preços é um fator objetivo que a população entende e consegue discutir”, diz o cientista político Felipe Nunes, sócio da Quaest.

O POTENCIAL DE VOTO DOS PRINCIPAIS PRESIDENCIÁVEIS

Em %



Fonte: Inteligência Pesquisa e Consultoria (IPEC), março de 2021



Desde janeiro, aumentaram as pesquisas na internet a respeito do preço da carne, do dólar e da gasolina na era Lula. Com Bolsonaro, o bolso sofre. Os alimentos ficaram 6,3% mais caros em 2019, 14% em 2020 e este ano subiram 1,29% até fevereiro. A Petrobras acaba de reajustar pela sexta vez o preço dos combustíveis em 2021. A gasolina nos postos havia encarecido 4% em 2019, caído 0,19% em 2020 e até fevereiro avançou 9,4%. E o dólar? Foi de 3,85 reais na posse de Bolsonaro a 5,74 reais na quarta-feira 10, alta de 49%. Botijão de gás: de 70 para 90 reais, alta de 28%. Fatos explorados na campanha “Bolsocaro”, a correr a *web*. “Se os resultados objetivos do governo não melhorarem até 2022, Bolsonaro terá muita dificuldade de se reeleger. O sentimento de mudança estará posto. Contra essa correnteza é difícil remar”, avalia Nunes.

Na economia, os resultados de 2021 serão fantasiosos. O tal “mercado” calcula um crescimento de 3,3%, mas alguns economistas ressaltam que, devido ao modo com o PIB é medido pelo IBGE, o País encorpará 3,6% por mero efeito estatístico do que foi visto no fim de 2020, ainda que não produza um grão de arroz a mais. É o que se chama de *carry over*. Significa que o desemprego, de 13,9% em dezembro, cairá pouco (se é que vai), e o salário subirá pouco (se é que vai), enquanto a inflação ficará, estima o mercado, de novo na casa dos 4%.

“Em um cenário em que a economia não se recupera e a rejeição de Bolsonaro cresce, por que a esquerda não seria mais competitiva? Se o sentimento de mudança aumentar, a rejeição do PT e de Lula provavelmente diminuirá.” É o que diz uma análise da segunda-feira 8 da consultoria global Eurasia. Autor do texto, o diretor Christopher Garman acha que os comentaristas da mídia brasileira “subestimam” o campo progressista, o que seria regra na América Latina. E são acontecimentos latino-americanos que o levam a ver chances de vitória do PT. “As experiências recentes na



Nunes adia a hora da verdade

**NO SINDICATO, LULA
AFIRMOU FICAR
“INJURIADO” COM
OS RECEIOS DO TAL
“DEUS MERCADO”
E VOLTOU
A SE DEFINIR UM
“CONCILIADOR”**



Garman recomenda paciência

Argentina, no Equador e no México mostram que, quando cresce o desejo de mudança diante de um governo conservador ou centrista/amigável ao mercado, as candidaturas da esquerda tendem a ser as beneficiadas.”

Garman acredita ser “improvável” uma “guinada populista” de Bolsonaro como reação a Lula, pois o presidente já teria dado várias demonstrações de que está “preocupado com uma potencial crise de mercado”. Dez de cada dez analistas do tal “mercado” apostam na guinada. Um deles escreveu a clientes, após o discurso de Lula, que o petista “criou uma retórica que força o presidente para o populismo no sentido que força o Planalto a tomar decisões mais de curto prazo em detrimento aos ajustes de longo prazo propostos por Guedes”. E arrematava: “É cedo para saber como Bolsonaro irá reagir, mas a presença de Lula irá sempre testar as convicções liberais do presidente”.

No Sindicato, Lula comentou ficar “injurado” com receios do tal “Deus mercado” com ele. Temor sem razão, após seus oito anos no poder, afirmou. O petista definiu-se como um “conciliador”, não um “radical”, exceto se se entende por “radical” aquele que vai à raiz dos problemas. Poderia ter dito, como Boulos certa vez, que “radical” é a realidade brasileira, cheia de miséria, desigualdade, homicídios. Àqueles que reclamam de “polarização” entre ele e Bolsonaro, disse que o PT “polariza” com a elite desde 1989. Primeiro com Fernando Collor, depois com o PSDB, agora com o reacionarismo bolsonarista. “Duro era quando a polarização era entre dois candidatos da direita”, disse.

Aos sem voto, como o PSDB, resta chorar. “A polarização favorece os extremistas, que destroem o País. O Brasil é muito maior do que Lula e Bolsonaro”, comentou o governador de São Paulo, João Doria Jr. Quem será o postulante desse autointitulado “Centro”? •